



## Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

### ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LÍNGUA INGLESA: ESTRATÉGIAS DE ENSINO E FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS

Alaíne Moisés Cabral Ribeiro  
(Ueg – Câmpus Inhumas)

Alex Alaor Mendonça

(Ueg – Câmpus Inhumas)

Stefânia Pedroso da Silva Siqueira  
(Ueg – Câmpus Inhumas)

Thierry Augusto Ferreira Barbosa  
(Ueg – Câmpus Inhumas)

Giuliana Castro Brossi

(Ueg – Câmpus Inhumas)

**RESUMO:** O presente trabalho foi desenvolvido baseado nas experiências vivenciadas na disciplina de Língua Inglesa I, pelos estagiários do 3º ano do curso de Letras Português/Inglês da UEG Câmpus Inhumas, em turmas que mesclavam alunos do 6º, 7º e 8º ano durante o Estágio Supervisionado no Ensino de Língua Inglesa. As aulas foram planejadas com foco no ensino aprendizagem, podendo assim, estimular o interesse dos alunos pela língua inglesa, para que o aprendizado seja uma atividade prazerosa e que instigue a curiosidade de sempre buscar mais conhecimentos utilizando o tema “*Sports*”. O relato é fruto de nossas experiências, o qual se deu a partir da vivência com a realidade para construção de nossa identidade docente e tem como finalidade apresentar o detalhamento dessa trajetória: de observação, preparação, e execução da prática docente, bem como as reflexões acerca dessa prática na construção de nosso próprio caminho, se fazendo inserir num processo de pesquisa, formando assim nossas próprias concepções. Foi possível detalhar também o que estágio nos proporcionou, evidenciando a importância da relação professor-aluno, confirmando que o respeito, dedicação e boa vontade resultam em pequenas vitórias na sala de aula. Mostrando também que o aperfeiçoamento é diário e contínuo. Utilizamos esse momento de estágio para detectar com mais clareza e precisão nossas dificuldades, deficiências, encontrar nossas próprias limitações e superá-las, aprimorando os conhecimentos para a realização de uma prática eficiente.

**Palavras-chave:** Experiências vivenciadas; Língua Inglesa e Estágio Supervisionado.

### INTRODUÇÃO

O Estágio é um momento de fundamental importância no processo de formação profissional, que constitui em uma possibilidade para o estudante vivenciar o que foi aprendido teoricamente ao longo do curso, bem como testar o nível de consistência dos



## Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

conhecimentos adquiridos e o grau de entrosamento com o contexto docente. A etapa de observação é o primeiro contato que o aluno-professor tem com seu futuro campo de atuação, propiciando-lhe observar e refletir futuras ações pedagógicas. Assim, sua formação torna-se mais significativa quando essas experiências forem socializadas em sua sala de aula com seus colegas, produzindo discussão, possibilitando uma reflexão crítica, construindo a sua identidade e lançando um novo olhar sobre o ensino.

Segundo PIMENTA, (2004, p. 34) “o estágio como pesquisa se encontra presente em práticas de grupos isolados. No entanto, entendemos que precisa ser assumido como horizonte ou utopia a ser conquistada no projeto dos cursos de formação”.

É nesse contexto de estágio que os conhecimentos se encontram: de um lado as reflexões e correntes teóricas, apostas para uma educação bem sucedida; do outro lado há a realidade escolar pura, ou seja, a teoria e prática. Essa integração entre teoria e prática permite ao estagiário perceber as especificidades e as dimensões da realidade escolar em relação com a sua contextualização social.

Portanto, torna-se um espaço privilegiado de questionamento e investigação, cuja aproximação do aluno estagiário com o docente da escola não é apenas para verificação da aula e do modo de conduzir a classe, mas é também para pesquisar a profissão docente, a forma como conquistou seus espaços e como vem construindo sua identidade profissional ao longo dos anos. Assim, o presente artigo, fruto da experiência vivenciada no estágio supervisionado, visa relatar a proposta desenvolvida em uma escola da rede pública de tempo integral de Inhumas. Essa instituição de ensino dispõe de uma estrutura física suficiente para atender as exigências gerais básicas das proposições de educação. Sendo de tempo integral, às quartas e sextas feiras funcionam as oficinas, e foi nelas a aplicação de nosso projeto. Oficinas estas que mesclam alunos de todas as séries do ensino fundamental, e, assim sendo, exigiram maiores critérios na elaboração de tais planos, como exigiram também em sua aplicação, dada a diversidade de faixas etárias com a qual trabalhamos.

Para Jorge (2009), o comportamento dos alunos é muito mais uma forma de resistência a práticas pedagógicas que não lhes são significativas, e prefere pensar que não se trata apenas de uma forma de manifestar desinteresse, mas uma demanda por mudanças na educação e na escola.



## Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

Partindo do pressuposto que a LI tem fundamental importância na formação dos sujeitos, durante o período de semirregência, ficou evidenciado algumas problemáticas que nos levaram a fazer algumas indagações. Dentre tais, destacou-se uma, e através da qual se formulou a problematização para o desenvolvimento da proposta desenvolvida no período de regência: Como podemos instigar o interesse dos alunos pela língua inglesa através do tema “*Sports*”?

A decisão em se problematizar de forma tão ampla não nos induzirá a pensar na resolução definitiva e geral do problema, pois temos a consciência de que está acima de nós, mas é de primordial importância o novo olhar que se pode dar para língua inglesa, através de um tema abrangente.

Assim, elaboramos uma proposta com o propósito de despertar o interesse dos alunos pela língua inglesa.

O projeto desenvolvido no período de regência teve o intuito primordial de estimular o interesse dos alunos pela língua inglesa, para que o aprendizado seja uma atividade prazerosa e que instigue a curiosidade de sempre buscar mais conhecimentos. Os objetivos específicos estabelecidos foram: Promover palavras ao vocabulário dos alunos/as; Contrastar reflexões sobre a importância dos esportes em nossa vida; Incentivar nas oficinas o aspecto comunicativo; Auxiliar os alunos a desenvolverem a leitura, a fala e a escrita.

E por fim, julgamos necessária a intervenção com métodos que despertem nos alunos o prazer pela segunda língua. Fazendo com que eles saibam o quanto é necessário e vantajoso, nos dias atuais, o domínio dela, para um melhor desempenho na escola e na vida profissional.

### Fundamentação Teórica

Gadotti (2003), diz que para ensinar são necessárias principalmente três coisas: gostar de aprender, ter prazer em ensinar, e amar o aprendente. Esses, entretanto, são requisitos básicos para qualquer um que se auto-intitule educador.

Entrar na sala de aula na posição de professores requer de nossa parte maturidade e compromisso com o aluno. Diante disso, nos inserimos na concepção de linguagem que



## Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

afirma que somos constituídos na e pela linguagem, uma concepção, naturalmente, interacionista que tem como concepção uma função reguladora do pensamento. A linguagem é considerada como instrumento mais complexo para viabilizar a comunicação, a vida em sociedade.

Sem linguagem, o ser humano não é social, nem histórico, nem cultural. De acordo com Moita Lopes (1996), “O material do professor de línguas é o discurso, que por sua vez caracteriza o modo como as pessoas se posicionam socialmente para construir suas identidades. O autor insiste que devemos ensinar com base em nossas marcas sociais”. A educação é um processo social que pode gerar transformações sociais.

O estágio é o momento onde o discente tem a oportunidade de analisar a prática docente em sala de aula e destacar as observações necessárias para a nossa trajetória profissional, contribuindo com o meio observado.

É preciso despertar no aluno o interesse pelo estudo, pelo querer aprender. Mostrando que o conhecimento nunca vem pronto, é imprescindível a sua constante busca e aprimoramento. Não deve limitar-se em apenas escutar o que o professor fala, muito pelo contrário, a interação entre o professor e o aluno contribui bastante para o desenvolvimento significativo do adolescente. Conhecer o que o aluno já traz consigo e trabalhar a partir de seus conhecimentos prévios torna-se a aula mais produtiva, deve deixar claro que eles não estão na escola para reproduzir o que professor diz, ou fazer cópias de atividades, imitação a alguma escrita produzida por alguém, mas sim, para construir conhecimentos.

Com esse trabalho, há contribuição para o aprendizado do aluno possibilitando ao docente o preparo cada vez mais de aulas, fazendo com que o aluno se desenvolva e interaja mais em sala de aula, seu interesse aumenta, e conseqüentemente, aprende a proposta do conteúdo, estimulando assim, a ser pensador, questionador e não um repetidor de informações.

Miccoli (2011) defende que “Um professor precisa ter consciência do que significa ser professor: é muito mais do que ser apenas um dador de aulas. Ser professor é ter a possibilidade de vislumbrar uma sociedade melhor e poder atuar na sua construção”. Com base nisso descrevemos, a seguir, nossa metodologia e as atividades desenvolvidas na etapa da regência.



## Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

### Percurso Metodológico e Procedimentos Didático-Pedagógicos

De acordo com o que idealizamos no planejamento, lançamos mão de várias ferramentas que nos auxiliaram e nos deram suporte pedagógico durante as aulas. Alguns recursos tecnológicos foram de suma importância para construirmos o aprendizado de forma mais ilustrativa. O tema “*Sports*” foi abordado e explorado em slides, imagens, brincadeiras e vídeos.

O colégio disponibiliza as oficinas, que garantem a ampliação das oportunidades para o desenvolvimento de habilidades, competências, proficiência e a utilização de situações que problematizam e desafiam o adolescente no caminho do conhecimento. Essas oficinas é um projeto de fundamental importância para a implementação do hábito de aprender entre os jovens e a valiosa consequência para a transformação do mundo e melhoria significativa do rendimento escolar, pois, é possível trabalhar a sala de aula como laboratório de estudo e estender a programação docente ao desenvolvimento de projetos, participações coletivas, atendimento aos temas transversais e relações com a comunidade.

Pessoa & Urzêda Freitas (2012) defendem que a sala de aula de línguas é a própria vida e não um ensaio, pois a escola desempenha um papel crucial na formação de nossas identidades, e determinam em grande parte não somente o que as pessoas fazem como também quem são, serão e podem vir a ser. Um dos principais objetivos do ensino comunicativo de línguas é preparar o aluno para usar a língua em situações reais.

No primeiro e segundo encontro, dia 9 e 11 de setembro, damos início à oficina nos apresentando, falando um pouco de nós, mesclando inglês com português. Falamos da intenção do projeto e a nossa motivação em tratar dele. Após, fizemos uma brincadeira, intitulada batata quente, para que eles apresentem-se, auxiliando-os a falar em inglês. Depois fizemos antecipações sobre o tema, fazendo mímicas para que eles adivinhem o tema. Em seguida, apresentamos o tema através do Power Point, mostrando a importância do esporte na nossa vida, os casos de superação. Ainda no Power Point, mostramos vários tipos de imagens de esportes, para que eles tentassem nomear com o conhecimento prévio que possuem, e, para



## Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

que a prática oral ficasse mais produtiva fizemos perguntas entre nós estagiários e após para eles. Perguntas do tipo: *Do you like sports? What sports do you like?* Após fizemos com eles uma atividade de associação de nomes e imagens de diversos objetos usados em vários esportes mencionados.

Nesses encontros ficamos muito satisfeitos pela participação dos alunos, pois quando o aluno tem interesse em querer aprender as aulas realmente fluem.

No terceiro e quarto encontro demos uma breve revisão do conteúdo da aula passada. Fizemos com eles a brincadeira do dado, que tinha um objeto de esporte em cada lado e pontos de 1 a 6. Dividimos em duas turmas (A e B), o primeiro voluntário ia ao centro do círculo e jogava o dado, tendo como objetivo adivinhar a imagem em inglês, se ele não soubesse pedia ajuda aos colegas do seu grupo. A turma que fizesse mais pontos ganhava a competição.

Em seguida, revisamos pronomes em terceira pessoa (singular e plural) para reforçar atividade seguinte. Mostramos imagens no Power Point de pessoas praticando esportes, com frases formuladas e depois mostramos imagens nos cards para que eles formulassem frases oralmente.

No quinto e sexto encontro, levamos para eles uma cruzadinha no papel, associada com o desenho para eles completarem, e depois esboçamos no Power Point. Passamos para eles um vídeo de curta metragem relacionado com os esportes em inglês e a superação que muitas pessoas encontram no esporte para vencer a vida. Em seguida demos uma atividade de compreensão oral, mencionando quais esportes eles ouviram no vídeo, depois ilustrando no papel e escrevendo uma frase no final para exposição.

Para encerrar levamos um questionário para que pudéssemos ver o que eles acharam das oficinas. Foi muito gostoso perceber que todos gostaram, pois nos questionários houve muitos elogios.

A partir disso, acreditamos que a melhor forma para avaliar os alunos nesse processo, tenha sido considerar sua participação durante o desenvolvimento do projeto, seu interesse demonstrado pelas atividades e seu desempenho no momento de executá-las. Além disso, foram analisadas as respostas às questões de interpretação oral e, sobretudo, procuramos considerar o aluno em sua totalidade.





## Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

### Resultados e Discussão

O estágio sem dúvida foi uma etapa importante para nós, acadêmicos de licenciatura, observar, investigar e analisar, é um processo crescente de aprender e favorecer nosso aprendizado. Para o nosso grupo foi um grande desafio, como para os outros. O momento de observação e semirregência nos permitiram conhecer os alunos para sermos capazes de escolher um tema que interessasse à maioria e percebemos que a melhor maneira de trabalhar com eles são através de projetos que nasçam das necessidades deles, colocando-os como protagonistas do trabalho pedagógico.

A realização do estágio contribuiu para nosso aprendizado porque nos proporcionou a primeira experiência com sala de aula e ajudou a mudar a nossa perspectiva sobre a profissão docente. Acreditamos que o estágio ajuda a construir a caminhada do professor, porque é nesse momento que se tem o real contato com a profissão. A colaboração entre acadêmicos e a professora formadora transmite segurança no decorrer da regência.

No decorrer da nossa experiência como professores tivemos muita inspiração, não pelo fato de tudo ter dado certo, mas ver os meninos se esforçando, deixando de lado as coisas de casa, as brincadeiras, o vídeo game, de certa forma foi gratificante perceber que estamos fazendo um trabalho produtivo e que as aulas surtiram efeito, e no fundo nos apegamos às brincadeiras sem graça, as perguntas bobas e àquelas complexas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer com toda certeza que esse período foi de suma importância para nossa formação e construção não só profissional, mas também pessoal, pois nos possibilitou um contato, ainda que raso e breve, com a realidade escolar, possibilitou também refletir sobre a importância do papel do professor no processo de mediação do conhecimento. E ainda mais, nos fez perceber que o aluno é um sujeito ativo no processo de aprendizagem. E cabe a nós repensar nossos objetivos, métodos, e mais que tudo, o sentido de ser professor.



## **Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL**

Mesmo por se tratar de oficinas foi um momento de preparação para que nós acadêmicos e futuros professores encaremos a sala de aula, assim como as dificuldades cotidianas da educação e as carências individuais de cada aluno, bem como as nossas.

Utilizamos-nos desse momento de estágio para detectar com mais clareza e precisão nossas dificuldades, deficiências, encontrar nossas próprias limitações e superá-las, aprimorando os conhecimentos para a realização de uma prática eficiente.

Proporcionou-nos também evidenciar a nossa falta de experiência, nossos anseios e angústias, que foram discutidas e superadas, com o apoio imprescindível da professora-orientadora, que, paciente e generosa, sempre conduziu-nos ao nosso melhor. Acreditamos que o conhecimento construído de forma colaborativa entre nós, acadêmicos, e entre nós e a professora formadora, é essencial ao nosso desenvolvimento profissional e acadêmico. O estágio aponta que a experiência docente só acontece quando estamos diante da turma. É na prática que vemos se estamos aptos a exercer a profissão, assim, é o momento de dar o nosso melhor.

O estágio evidenciou a importância da relação professor-aluno, confirmando que o respeito, dedicação e boa vontade resultam em pequenas vitórias na sala de aula.

As necessidades dos alunos serão a nossa prioridade e seu sucesso será nosso objetivo. As trocas de saberes que aconteceu na sala de aula nos fez perceber que o aperfeiçoamento é diário e contínuo.

Como Dizia Freire (2003) “que quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Temos que aprender continuamente um idioma, saber as características das diferentes fases, conhecer o seu mundo para poder motivá-los com assuntos de seu interesse.

### **REFERÊNCIA**

FREIRE, P: *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.





## Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

GADOTTI, M. A Boniteza de um Sonho: ensinar e aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale editora, 2003.

JORGE, Miriam Lúcia dos Santos. Preconceito contra o ensino de língua estrangeira na rede pública. In: LIMA, Diógenes Cândido de Lima (Org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola, 2009, p. 161-168.

MICCOLI, L. *O ensino na escola pública pode funcionar, desde que...* In.: LIMA, D.C. de. (Org.). Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p.171 – 184.

MOITA LOPES, L. P. Oficina de lingüística aplicada. Campinas: Mercado das Letras, 1996.p. 190.

PESSOA, Rosane Rocha. URZÊDA FREITAS, Marco Túlio de. Ensino crítico de línguas estrangeiras. In: FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. Formação de professores de línguas estrangeiras: princípios e práticas. Francisco José Quaresma de Figueiredo (org.). Goiânia: Editora UFG, 2012. p. 57-80.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.